

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação  
**Fazenda Itaoca**

código  
AVI - FO4 - Can

localização  
seguindo pela RJ-152, próxima à localidade de Boa Sorte

município  
**Cantagalo**

época de construção  
**século XIX**

estado de conservação  
**detalhamento no corpo da ficha**

uso atual / original  
**residencial / fazenda de gado**

proteção existente / proposta  
**nenhuma**

proprietário  
**particular**



Fazenda Itaoca

coordenador / data **Alexandre Quintella - jun 2010**  
equipe **Alexandre Quintella e Marcio Teixeira Veiga de Moraes**  
histórico **Roberto Grey**

revisão / data  
**Thalita Fonseca - out 2010**



situação



ambiência

O caminho de acesso à Fazenda Itaoca tem início no município de Cantagalo. Após a passagem pela área central de sua sede, dobra-se adiante à direita, sentido Euclidelândia e Boa Sorte, e após aproximadamente 22 km, chega-se à entrada da localidade de Boa Sorte, onde, na praça principal, uma bela igrejinha (f01) dá as boas vindas. Ao final da rua do ginásio, à direita, uma estrada de 2,5 km, com pequeno trecho asfaltado e o restante em leito de terra batida, conduz às margens de um imenso lago (f02). Para alcançar a Fazenda Itaoca, é preciso seguir por 2,5 km, à esquerda, no sentido contrário ao que leva à Fazenda Areias.



01



02

A entrada para a propriedade se faz por uma alameda calçada em lajotas de pedras cercadas de coqueiros e palmeiras imperiais (f03 e f04), tendo, de um lado, um pomar (f05 e f06) e, do outro, um curral sobre o antigo terreiro de café (f07 e f08). Logo na entrada, já é possível avistar o conjunto arquitetônico formado por três blocos edificados, tendo, ao centro, a casa-sede e duas alas laterais de igual formato e tamanho, simetricamente dispostas em relação ao corpo central. Entre a casa-sede e a ala direita, foi construída uma singela capela, em período posterior às demais edificações.

Na frente da sede, no antigo terreiro de café que abrangia toda sua extensão, ainda se percebem os vestígios do calçamento em pedra, tipo “pé de moleque”, como também o muro em blocos de pedra (f09, f10 e f11). Esta fazenda integrava o complexo produtivo da Fazenda Areias – considerada a “Fazenda Mãe”, por assim dizer, de uma dezena de fazendas pertencentes à família Clemente Pinto



03



04



05



06



08



07



09



10



11

As três edificações que compõem a Fazenda Itaoca (f12) apresentam-se desprovidas de quaisquer detalhes que possam conotar maiores luxos ou preocupações estéticas. Por compor um conjunto com outras fazendas da região, é provável que a edificação central fosse destinada à família de um dos administradores, e as alas laterais utilizadas como depósito, moradia de escravos e, ainda, como abrigo para outros empregados e viajantes a serviço do grande complexo produtivo.

A ausência, nestas alas laterais, dos setores de receber e de viver, e pelo fato de somente haver ventilação muito alta em alguns trechos, reforça a hipótese dos usos acima mencionados. Trata-se de um conjunto de construções funcionais, com uma arquitetura despojada, porém graciosa, cujo “estilo colonial” é quebrado por colunas romanas, estas dispostas em toda a frente das varandas (f13 e f14). Tais colunas são responsáveis pela sustentação dos frechais, que apresentam robustas peças de madeira guarnecidas com cachorros compondo o beiral do telhado (f15, f16 e f17).



12



13



14



15



16



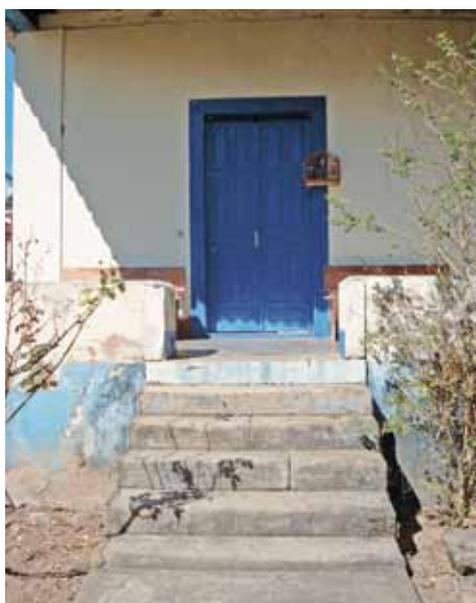
17

Na varanda da sede, há um trabalho interessante em que foram instalados frisos de madeira sobre as tábuas do forro dispostas em junta seca. Essas peças foram criteriosamente colocadas de forma a criar um desenho geométrico (f18).

O acesso às varandas ocorre através de uma pequena escada com seis degraus em pedra lavrada, a qual vence o desnível que o porão não habitável estabelece (f19). Nas três edificações, as varandas também tinham a função de receber e despachar (f20 e f21), como é possível perceber através de uma antiga foto (f22) na qual se nota o gado reunido em frente a elas, no pátio que outrora funcionou como terreiro de secar café.



18



19



20



21



22

Nessa mesma imagem, percebe-se a inexistência da atual capela (f23 e f24), reforçando o entendimento de que as instalações da Itaoca tinham, exclusivamente, um caráter produtivo.

Internamente, a planta da casa-sede foi dividida de acordo com um eixo longitudinal de simetria, tendo uma faixa central onde se sucedem a sala de estar, de jantar e a varanda dos fundos (f25). Essas duas salas comunicam-se, à direita, com um quarto, cada – que no passado possivelmente serviam como quarto de hóspedes e escritório –, e, à esquerda, com três quartos.

Na sala de jantar, ao centro da parede dos fundos, uma porta dá acesso a já citada varanda, que conserva o telhado baixo (f26) e estrutura aparente, exibindo um belo trabalho de marcenaria no corte dos “cachorros” que arrematam o beiral (f27). Este local talvez tenha servido como sala de almoço, pois se comunica com a cozinha à direita e, no lado oposto, com mais um quarto, servido por um banheiro exclusivo.

Apenas um único móvel antigo permanece nesta propriedade: trata-se de uma cristaleira de madeira entalhada, que tem seu arremate superior decorado com o entalhe de uma figura mística denominada “o homem verde” (f28). Na cultura celta, essa figura era o guardião das florestas, um ser mágico. Diz-se que, por conta de suas feições um tanto animais, sugerindo um ser maligno, os antigos proprietários não quiseram levá-la consigo, deixando o móvel na Fazenda Itaoca.



23



24



25



26



27



28

A propriedade conserva apenas suas linhas gerais, tendo perdido os revestimentos e instalações originais, ao longo dos anos que passou pelas mãos de diversos proprietários. Atualmente, está em curso uma reforma que visa restabelecer a integridade física do imóvel, conservando sua tipologia por força de sua importância no passado (f29). Em razão destas intervenções, é possível ver exposto o antigo sistema de paredes em pau a pique, onde se observam inclusive as marcas dos dedos dos escravos no barro que enchia os vazios entre as esbeltas peças de madeira, estes ainda com a casca e as lascas provenientes dos troncos de palmeiras Juçara (f30 e f31). Essas partes de madeira muito fibrosa resistem ao tempo em ótimo estado de conservação, mantidas entremeadas ao barro (f32). Apoiada sobre o sistema de pau a pique, observam-se ainda as furações feitas na peça horizontal superior, onde eram fixados os finos troncos de árvore que estruturavam a parede (f33), em área onde o trecho respectivo de alvenaria já foi eliminado.

Constata-se, ainda, a inserção de paredes em alvenaria de tijolo maciço e agora, por razões econômicas, a substituição das grandes vigas de madeira atacadas pelos cupins, por estrutura de concreto (f34).

A estrutura dos telhados, após ter sofrido várias reformas, como a substituição de algumas peças deterioradas, ainda conserva, em linhas gerais, seu estilo original tanto na técnica dos encaixes como também a manutenção das peças originais de bom estado (f35).



29



30



31



32



33



34



35

As telhas inferiores – bicas – foram substituídas por telhas do mesmo modelo, porém de fabricação atual (f36), conservando-se originais apenas as telhas tipo capa, e, dentre as tipo bica, as dos beirais. Este artifício é muito usado nas reformas de fazendas antigas, pois o conjunto continua a exibir uma aparência bastante aproximada do original, sem deixar de resolver satisfatoriamente o problema de goteiras no interior da edificação.

O assoalho foi todo retirado para futura colocação de piso cerâmico rústico, tornando, assim, desnecessário o porão baixo, que já foi completamente aterrado.

Com relação às esquadrias das janelas, apesar de manterem o mesmo modelo de folhas e abertura, foram todas substituídas por peças novas (f37), enquanto que as portas internas originais, por apresentarem menor desgaste, foram mantidas. Estas apresentam folhas duplas em réguas de madeira maciça, com encaixes tipo macho e fêmea, com rebaixos que formam caneluras verticais que rompem a rusticidade da peça (f38).

Segundo o atual proprietário, o aspecto de abandono da propriedade (f39, f40 e f41) será desfeito, dando lugar às novas instalações de banheiros para as suítes, uma moderna cozinha e belos jardins para receber os amigos e familiares.



36



37



38



39

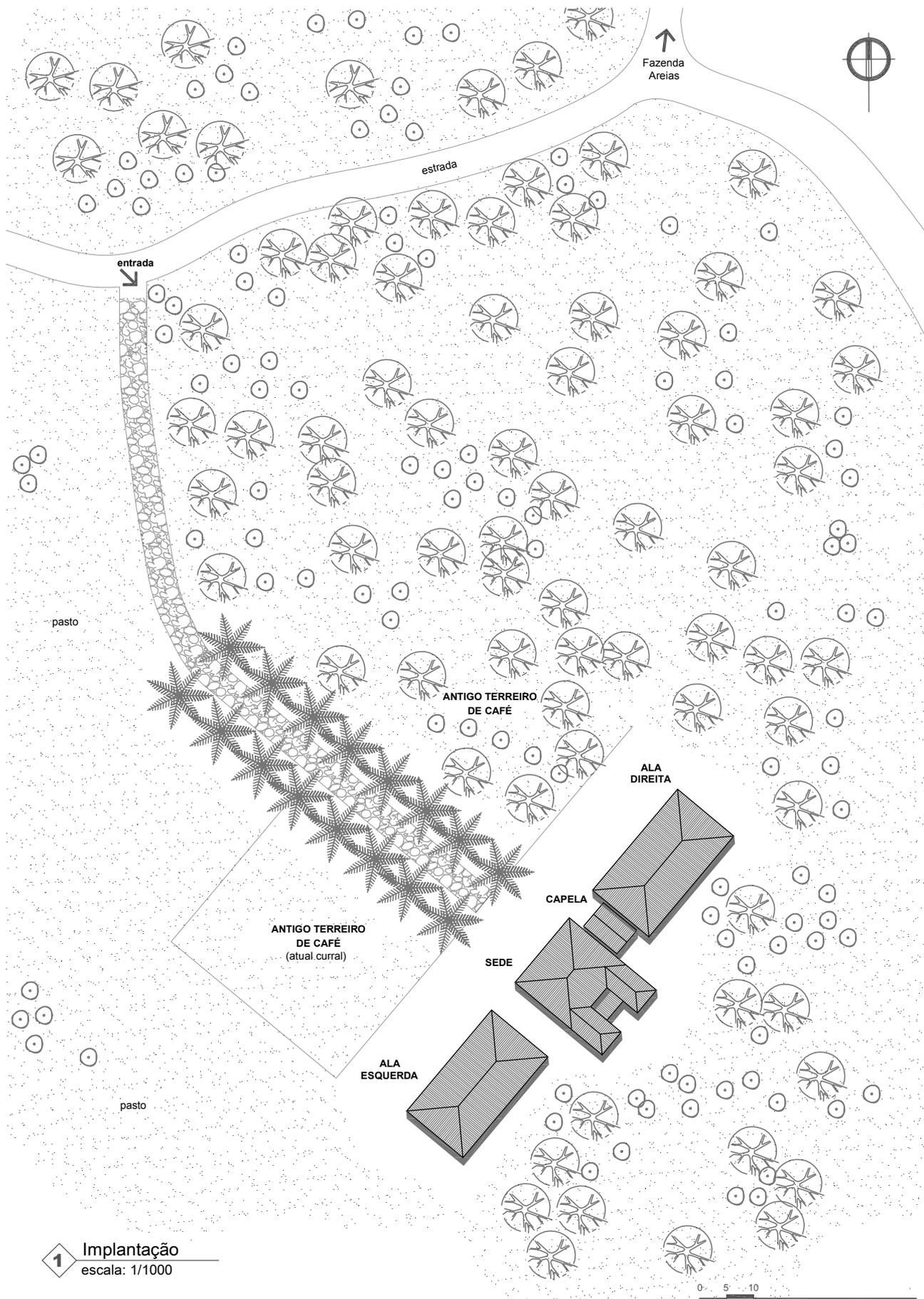


40



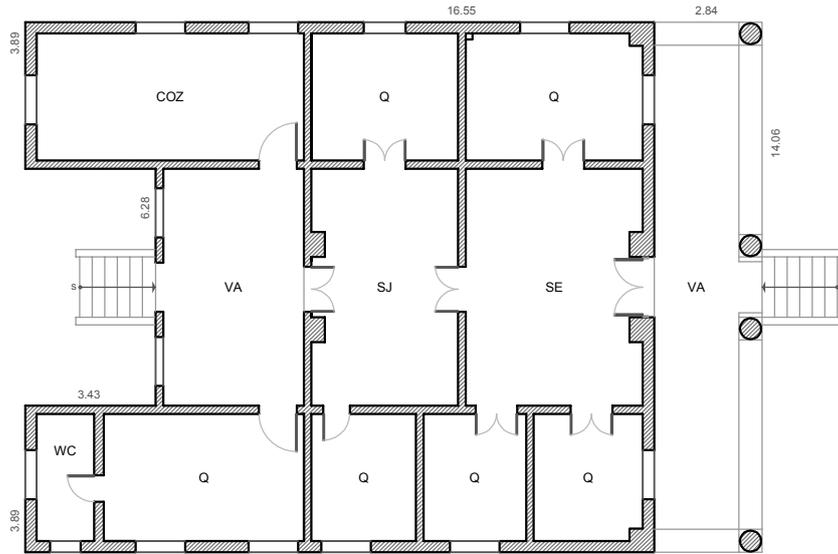
41

# FAZENDA ITAOCA



**1** Implantação  
escala: 1/1000

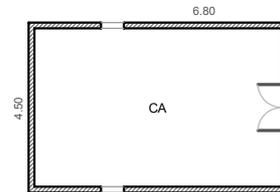
**FAZENDA ITAOCA**



2

Planta Baixa da Sede

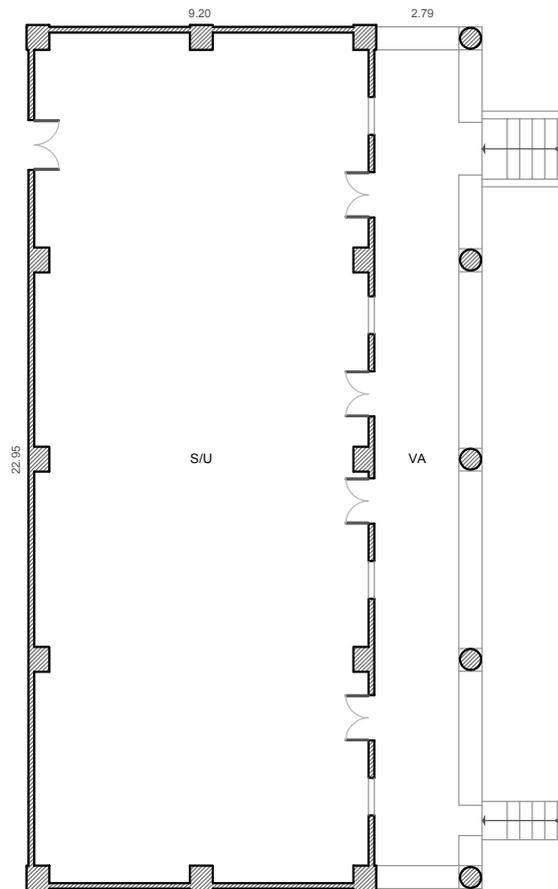
escala: 1/200



1

Planta Baixa Ala Direita

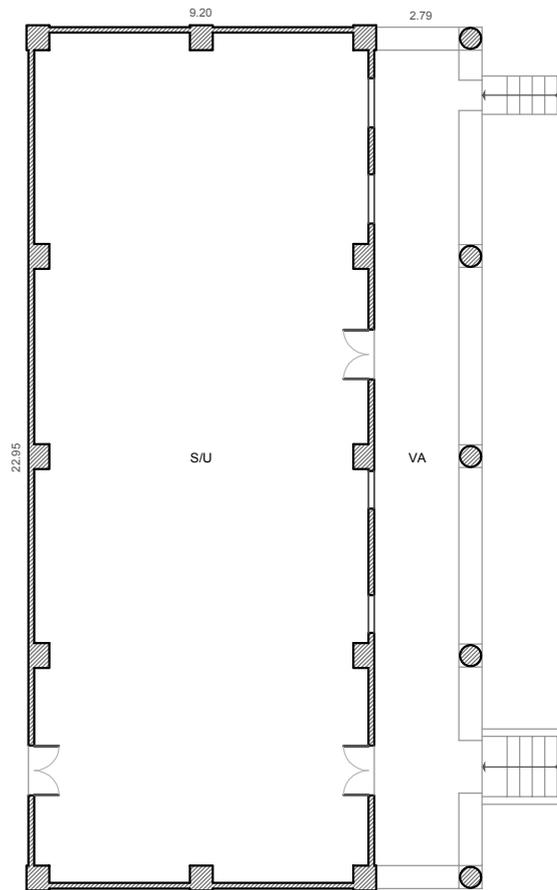
escala: 1/200



CA - capela    Q - quarto    SJ - sala de jantar    VA - varanda  
 COZ - cozinha    SE - sala de estar    S/U - sem uso    WC - banheiro

▨ alvenaria existente  
 ▤ alvenaria demolida

**FAZENDA ITAOCA**



1

Planta Baixa Ala Esquerda

escala: 1/200



S/U - sem uso  
VA - varanda

▨ alvenaria existente  
▤ alvenaria demolida

A Fazenda Itaoca pertenceu a Antônio Clemente Pinto, 1º barão de Nova Friburgo, que completou a sede em estilo palacete pouco antes de morrer, em 1860. Herdou-a seu filho, Antônio Clemente Pinto Filho, 2º barão de Nova Friburgo, visconde e mais tarde conde de São Clemente. A Fazenda Itaoca integrava as 21 fazendas de café possuídas pelo barão em Cantagalo. Uma pequena estrada particular de bitola estreita e tração animal a ligava às demais fazendas do barão de Nova Friburgo, terminando na Fazenda de Areias.

O primeiro barão era empresário e capitalista, e residia, na maior parte do tempo, no Rio de Janeiro, vindo a Cantagalo somente para observar a colheita de café e seus empreendimentos, dos quais se destacavam os ferroviários. Já seu filho, conde de São Clemente, permanecia mais tempo em Cantagalo, administrando as fazendas da família.

Assim como a Fazenda Itaoca lhe coube em herança, esta passou às mãos de seu filho em razão de sua morte. Da mesma forma, Antônio de São Clemente Pinto, 2º barão de São Clemente, a deixou para a filha, Maria José de São Clemente, casada com o Dr. Augusto de Faro Carvalho.

Em 1919, a Fazenda de Areias foi vendida ao imigrante português João de Abreu Júnior (1869-1949), canteiro, mestre de obras, negociante e abatedor de gado que viria a ser uma figura capital na implantação do gado zebu no Brasil.

A Itaoca então totalizava 320 alqueires de terras, produtivas em sua maioria, com lavouras de milho, feijão, café e cana-de-açúcar, plantações de arroz, criação de porcos e, principalmente, gado zebu.

Foram comprados para a estância alguns animais da raça Guzerá, de Elias Antônio de Moraes, 2º barão das Duas Barras, o pioneiro da introdução do zebu no Brasil, na sua Fazenda do Ribeirão Dourado. A decadência do café na região de Cantagalo, causada pelo esgotamento das terras e pela abolição da escravatura, abriu caminho para a formação de pastagens e o desenvolvimento da pecuária nos antigos cafezais.

A necessidade de animais fortes para o trabalho, adaptados ao clima tropical, aptos à mestiçagem com as raças europeias, abriu o terreno para a implantação do gado indiano no Brasil. E, nesse contexto, João de Abreu talvez tenha sido o homem mais importante neste processo. Em sua fazenda de Itaoca, começou um rigoroso processo de seleção do Zebu que, depois de várias dezenas de anos, culminou no gado JA, que o comprador levava junto com um certificado: “zebu manso e leiteiro”.

Mas antes que Itaoca se tornasse a “meca” do zebu no Brasil, João de Abreu trabalhou muito para convencer, para remover preconceitos e para provar a qualidade do seu gado de origem indiana. Costumava viajar pelas cidades do interior levando um touro e um plantel de vacas leiteiras que ordenhava em praça pública, demonstrando a produção e a mansidão das mesmas e vendendo zebu de alta qualidade.

Além da pecuária de alto nível, a Itaoca fabricava a sua própria cachaça, famosa na época, da marca *Itaoca*. Com o falecimento do pioneiro João de Abreu, seu filho, Allyrio Jordão de Abreu, assumiu a fazenda, dando prosseguimento à criação do gado JA. Decorrido algum tempo, ela foi vendida, passando então por vários donos, até o presente momento.



**Bibliografia:**

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História de Família: Casamentos, Alianças e Fortunas*. Léo Christiano Editorial, 2008.

Genealogia Fluminense, Cantagalo, no Google.

Livros de registro Paroquial de Terras de 1855-56 do Município de Cantagallo, no Arquivo Estadual (internet).

Entrevista com Sr. Bento Luís Lisboa.

**Referências Bibliográficas:**

Fotos da Fazenda Itaoca - Álbum do Estado do Rio de Janeiro Comemorativo ao centenário da Independência do Brasil. 1922.

Fotos de Daniel Ribeiro.